

Ementas dos eixos temáticos para mesas redondas e GT

1. Guerra e nação

Gustavo Guerreiro (FUNAI) e Manuel Domingos (Gabinete de Leitura)

O pensamento social moderno apresenta uma compreensão limitada sobre os nexos entre guerra, instituição militar e nação. Tal lacuna torna-se premente no atual contexto de multipolaridade emergente, marcado pela ascensão de potências como China, Índia e Rússia, que contestam a hegemonia ocidental estadunidense e europeia. Nessa reconfiguração, o poder militar consolida-se como instrumento central para projeção de influência regional e global, evidenciado pela assertividade chinesa no Mar do Sul da China e pelo protagonismo russo em conflitos como o ucraniano. Objetiva-se, assim, analisar o papel estruturante do militar, postulando que a civilização é indissociável da guerra. Paradoxalmente, a nação consolida-se como “produto dialético da internacionalidade”, gestada em meio à intensa circulação global de capitais, pessoas e ideias. Nesse cenário, organizações multilaterais (como a ONU), embora enfraquecidas, desempenham papel crucial na mediação de soberanias, na configuração das identidades nacionais e até na normatização dos conflitos. Não obstante, o militar persiste como agente decisivo na modelagem de instituições, fronteiras e avanços científico-tecnológicos. Examina-se, ainda, a intrínseca relação entre a gênese do Estado-nação e a violência fundadora – processo em que o sentimento nacional sacraliza o guerreiro e converte o combate em ato legitimador. Essa dinâmica revela a contradição em sociedades que professam a crença no progresso, mas dependem de uma instituição cujo *modus operandi* desvela a perenidade da violência organizada. Por fim, o GT propõe superar a dicotomia artificial entre “civil” e “militar”, oferecendo um diagnóstico crítico sobre como a força armada interpela necessariamente as estruturas sociais para assegurar sua eficácia e reprodução, fato que o pensamento moderno tende a negligenciar em prol de suas narrativas consoladoras.

Palavras-chave: guerra; nação; internacionalidade; poder militar; modernidade.

2. Migrações e refugiados

Natalia Montebello (UECE) e Denise Bomtempo (UECE)

Congregar estudos que atravessem e articulem saberes sobre as pessoas em trânsitos migratórios. Procuram-se novas problematizações, livres dos pressupostos categóricos que dão sentido de verdade às estatísticas do Estado nacional. Trata-se de responder à questão ética e metodológica proposta por Foucault a respeito de como nos tornamos o que somos hoje. Num mundo subsumido às cadências do neoliberalismo enquanto formatação empresarial da existência, os deslocamentos de pessoas atravessando fronteiras, campos, margens e periferias, são antes de tudo forçados por guerras intrínsecas à ordem capitalista neoliberal. Guerras que são entre Estados, de Estados contra populações e grupos de pessoas, guerras civis, guerras contínuas de baixa ou alta intensidade, guerras de mercado, guerras religiosas..., numa série sem-fim, mas que sintetiza de maneira radical a gestão biopolítica (psicopolítica, necropolítica, ecopolítica...) da vida precarizada pela pilhagem capitalista. O capitalismo enquanto

forma de vida produz, por princípio, migrantes, refugiados e apátridas: os sem-Estado, os sem-direitos, exterminados espetacular e cotidianamente pelas mídias onipresentes. O GT, assim, propõe o encontro de pesquisas diversas, em multiplicidade de proveniências, de saberes e de olhares analíticos atentos à precariedade terrível que as dinâmicas migratórias desenham nas fronteiras do atual mundo neoliberal.

Palavras-chave: dinâmicas migratórias; neoliberalismo; migrantes; refugiados; apátridas.

3. Crises socioambientais e povos originários

Mônica Dias Martins (UECE) e Juciene Ricarte Cardoso Tarairiú (UFCG)

Estimular a reflexão crítica sobre o processo histórico que resultou na dinâmica contemporânea de apropriação/expropriação dos territórios de povos indígenas, comunidades quilombolas e outros pequenos agricultores do Sul Global, bem como de seus impactos no aprofundamento das crises socioambientais. Um contraponto necessário: examinar as agências dos povos originários e dos movimentos agrários em defesa de suas comunidades e no enfrentamento da emergência climática. Também são bem-vindos trabalhos que discutam como estes processos são representados na mídia, gerando consenso sobre o câmbio climático e os desastres “naturais”. É fundamental lembrar que as lutas sociais são decorrência das questões territoriais e agrárias instituídas no período colonial e aprofundadas entre os séculos XX e XXI, estando no cerne dos conflitos bélicos entre Estados e das crises socioambientais que transcendem as fronteiras das comunidades nacionais. Menos evidente tem sido a percepção dos laços entre a natureza e as relações interétnicas, entre a natureza e a construção das nacionalidades. Este GT busca o diálogo interdisciplinar e fundamentado na valorização de conhecimentos ancestrais e na decolonialidade, que seja espaço de trocas e reflexões históricas, antropológicas, sociais, etnoeconômicas, direcionando enfrentamentos e alternativas possíveis.

Palavras-chave: territórios; povos indígenas; crises socioambientais; questões agrárias; lutas sociais.

4. Perspectivas de gênero e políticas públicas

Helena Frota (UECE) e Fernanda Cupertino Alcântara (UFJF-GV e UNIRIO)

Refletir acerca do estado da arte do campo interdisciplinar Gênero e Políticas Públicas, considerando a autonomia de cada eixo e a relação entre eles, suas perspectivas e experiências de destaque na contemporaneidade. Entende-se gênero como categoria analítica para compreender o contexto das relações violentas de poder nas sociedades modernas de modo a ampliar e aprofundar o olhar sobre o entendimento das distintas formas de desigualdades entre sexos, classes, gerações e situações étnico-raciais. Gênero é ação, poder, relação e representação; define “lugares sociais”; confere valores; constrói diferenças; constitui e justifica hierarquias. Nesse sentido, compõe-se de quatro elementos: o campo simbólico; o conjunto de normas; a noção de fixidez e permanência binária reproduzida nas instituições; o plano da subjetividade. Nas sociedades contemporâneas, verifica-se extremas desigualdades no acesso às fontes materiais e simbólicas por grupos considerados vulneráveis. As políticas públicas são uma tentativa de dirimir tais desigualdades sociais e podem tornar-se um instrumento crucial na

efetivação dos direitos. Cabe estimular o diálogo entre a teoria e as pesquisas empíricas, destacando o papel das teóricas das Ciências Sociais e o seu engajamento com a temática de gênero e do que se convencionou chamar de "reforma social". Localizamos na fundação do campo das políticas públicas a discussão não apenas de questões infraestruturais, mas de problemas sociais que se apresentavam de diversas formas. A participação das teóricas clássicas nesse momento fundacional, do que mais tarde veio a ser considerado políticas públicas, trouxe também a perspectiva e o recorte do que hoje nomeamos como gênero, demonstrando com seus estudos as desigualdades de acesso e tratamento conferidos aos "sexos".

Palavras-chave: gênero; poder; desigualdades; políticas públicas; teóricas clássicas.

Resúmenes de los ejes temáticos para mesas redondas y grupos de trabajo (GT)

1. Guerra y nación

Gustavo Guerreiro (FUNAI) y Manuel Domingos (Gabinete de Leitura)

El pensamiento social moderno presenta una comprensión limitada de los nexos entre guerra, institución militar y nación. Esa falla se torna urgente en el actual contexto de multipolaridad emergente, marcado por el ascenso de potencias como China, India y Rusia, que cuestionan la hegemonía occidental estadounidense y europea. El poder militar se consolida, en esta reconfiguración, como instrumento central para la proyección de influencia regional y global, lo que se evidencia por la asertividad de China en el Mar de la China Meridional y por el protagonismo de Rusia en conflictos como el de Ucrania. De esta manera, se pretende analizar el papel estructurante de lo militar, postulando que la civilización es indisociable de la guerra. Paradójicamente, la nación se consolida como “producto dialéctico de la internacionalidad”, gestada en medio de una intensa circulación global de capitales, personas e ideas. En este escenario, organizaciones multilaterales (como la ONU), si bien debilitadas, desempeñan un papel crucial en la mediación de soberanías, en la configuración de las identidades nacionales e incluso en la normatización de los conflictos. Sin embargo, lo militar persiste como un agente decisivo en el modelaje de instituciones, fronteras y avances científico-tecnológicos. Además, se examina la intrínseca relación entre la génesis del Estado nacional y la violencia fundadora – proceso en el cual el sentimiento nacional sacraliza al guerrero y convierte el combate en un acto legitimador. Esa dinámica revela la contradicción en sociedades que profesan la creencia en el progreso pero que dependen de una institución cuyo *modus operandi* desvela la perennidad de la violencia organizada. Finalmente, el GT propone superar la dicotomía artificial entre “civil” y “militar”, ofreciendo un diagnóstico crítico sobre cómo la fuerza armada interpela necesariamente las estructuras sociales para asegurar su eficacia y reproducción, hecho que el pensamiento moderno tiende a pasar por alto, favoreciendo sus narrativas consoladoras.

Palabras clave: guerra; nación; internacionalidad; poder militar; modernidad.

2. Migraciones y refugiados

Natalia Montebello (UECE) e Denise Bomtempo (UECE)

Congregar estudios que atraviesen y articulen saberes sobre las personas en tránsitos migratorios. Se buscan nuevas problematizaciones, libres de los presupuestos categóricos que les dan sentido de verdad a las estadísticas del Estado nacional. Se intenta responder a la cuestión ética y metodológica propuesta por Foucault a respecto de cómo nos tornamos lo que somos hoy. En un mundo subsumido en las cadencias del neoliberalismo en lo que se refiere al formateo empresarial de la existencia, los desplazamientos de personas atravesando fronteras, campos, márgenes y periferias, son antes de más nada forzados por guerras intrínsecas al orden capitalista neoliberal. Guerras que son entre Estados, de Estados contra poblaciones y grupos de personas,

guerras civiles, guerras continuas de baja o alta intensidad, guerras de mercado, guerras religiosas..., en una serie sin fin, pero que sintetiza de manera radical la gestión biopolítica (psicopolítica, necropolítica, ecopolítica...) de la vida precarizada por el saqueo capitalista. El capitalismo como forma de vida produce, por principio, migrantes, refugiados y apátridas: los sin-Estado, los sin-derechos, exterminados espectacular y cotidianamente por los medios de comunicación omnipresentes. Así, el GT propone el encuentro de investigaciones diversas, en multiplicidad de proveniencias, de saberes y miradas analíticas, atentos a la terrible precariedad que las dinámicas migratorias trazan en las fronteras del actual mundo neoliberal.

Palabras clave: dinámicas migratorias; neoliberalismo; migrantes; refugiados; apátridas.

3. Crisis socioambientales y pueblos originarios

Mônica Dias Martins (UECE) e Juciene Ricarte Cardoso Tarairiú (UFCG)

Estimular la reflexión crítica sobre el proceso histórico que resultó en la dinámica contemporánea de apropiación/expropiación de los territorios de los pueblos indígenas, comunidades *quilombolas* y otros pequeños agricultores del Sur Global, así como de sus impactos en la profundización de las crisis socioambientales. Un contrapunto necesario: examinar las acciones de los pueblos originarios y de los movimientos agrarios en defensa de sus comunidades y en el enfrentamiento de la emergencia climática. También son bienvenidos trabajos que discutan cómo estos procesos son representados en los medios, generando consenso sobre el cambio climático y los desastres “naturales”. Es fundamental recordar que las luchas sociales son consecuencia de las cuestiones territoriales y agrarias instituidas en el periodo colonial y profundizadas entre los siglos XX y XXI, estando en el epicentro de los conflictos bélicos entre Estados y de las crisis socioambientales que trascienden las fronteras de las comunidades nacionales. Menos evidente ha sido la percepción de los lazos entre la naturaleza y las relaciones interétnicas, entre la naturaleza y la construcción de las nacionalidades. Este GT busca el diálogo interdisciplinar y fundamentado en la valorización de los conocimientos ancestrales y en la decolonialidad, que sea un espacio de intercambio de reflexiones históricas, antropológicas, sociales, etnoeconómicas, direccionando enfrentamientos y alternativas posibles.

Palabras clave: territorios; pueblos indígenas; crisis socioambientales; cuestiones agrarias; luchas sociales.

4. Perspectivas de género y políticas públicas

Helena Frota (UECE) e Fernanda Cupertino Alcântara (UFJF-GV e UNIRIO)

Reflexionar sobre el estado del arte del campo interdisciplinar Género y Políticas Públicas, considerando la autonomía de cada eje y la relación entre ellos, sus perspectivas y experiencias destacadas en la contemporaneidad. Se entiende género como categoría analítica para comprender el contexto de las relaciones violentas de poder en las sociedades modernas de manera que se amplíe y se profundice la mirada sobre el entendimiento de las distintas formas de desigualdades entre sexos, clases, generaciones y situaciones étnico-raciales. Género es acción, poder, relación y representación; define “lugares sociales”; atribuye valores; construye diferencias; constituye y justifica jerarquías. En este sentido, se compone de cuatro elementos: el campo simbólico; el conjunto de normas; la noción de fijeza y permanencia binaria

reproducida en las instituciones; el plano de la subjetividad. En las sociedades contemporáneas se verifican desigualdades extremas en el acceso a las fuentes materiales y simbólicas por grupos considerados vulnerables. Las políticas públicas son un intento de dirimir tales desigualdades sociales y pueden convertirse en un instrumento crucial en la efectivización de los derechos. Corresponde estimular el diálogo entre la teoría y las investigaciones empíricas, destacando el papel de las teóricas de las Ciencias Sociales y su implicación en la temática de género y en lo que se ha convenido en llamar de “reforma social”. Localizamos en la fundación del campo de las políticas públicas la discusión no apenas de cuestiones infraestructurales, sino también de problemas sociales que se presentaban de diversas formas. La participación de las teóricas clásicas en ese momento fundacional de lo que más tarde se consideró políticas públicas, trajo también la perspectiva y el recorte de lo que hoy denominamos género, demostrando con sus estudios las desigualdades de acceso y tratamiento conferidos a los “sexos”.

Palabras clave: género; poder; desigualdades; políticas públicas; teóricas clásicas.

Summary of Thematic Axes for Roundtables AND WORK GROUPS

1. War and nation

Gustavo Guerreiro (FUNAI) and Manuel Domingos (Gabinete de Leitura)

Modern social thinking presents limited comprehension of the nexuses between war, military institutions, and nation. Such a gap becomes urgent in the current context of emerging multipolarity, marked by the ascension of world powers such as China, India, and Russia, who contest the American and European western hegemony. In this reconfiguration, military power is consolidated as a central instrument for the projection of regional e global influence, as evidenced by China's assertions over the South China Sea, and by Russia's instigating role in conflicts, such as its invasion of Ukraine. The goal, thus, is to analyse the military's structuring role, postulating that civilisation is indivisible from war. Paradoxically, the nation is consolidated as a "dialectical product of internationality", gestated among intense global circulation of capital, people, and ideas. In this scenario, multilateral organisations (such as the U.N.), albeit weakened, play a crucial role in the mediation between sovereign nations, in the configuration of national identities, and even in the standardisation of conflicts. Nonetheless, the military persists as a decisive agent in the modelling of institutions, borders, and scientific-technological advancements. Furthermore, we analyse the intrinsic relationship between the birth of the nation-state, and the founding violence – a process in which the national sentiment enshrines the warrior and converts combat into a legitimising act. This dynamic reveals the contradiction of societies that profess their faith in progress, but depend upon an institution whose *modus operandi* unveils the perpetuity of organised violence. Finally, the work group proposes to overcome the artificial dichotomy between "civil" and "military", by offering a critical diagnostic on how armed force necessarily invites social structures to ensure its efficacy and reproduction, a fact that modern thought tends to neglect in lieu of its consoling narratives.

Keywords: war; nation; internationality; military power, modernity.

2. Migrations and refugees

Natalia Montebello (UECE) and Denise Bomtempo (UECE)

To congregate studies that intersect and articulate knowledge on persons and migratory transit. We seek new formulations, free from categorical presuppositions that lend a sense of truth to statistics from the national State. We attempt to answer the ethical and methodological question proposed by Foucault in regards to how we have become what we are today. In a world subsumed to the cadences of neoliberalism as a corporate reformatting of existence, the displacement of people crossing borders, camps, margins, and peripheries, are, first and foremost, forced by wars intrinsic to the neoliberal capitalist order. Wars that are between States, by States, against populations and groups of people, civil wars, continuous wars of low or high intensity, market wars, religious wars, in an endless series, but which synthesises in a radical manner, the biopolitical

(psychopolitical, necropolitical, ecopolitical...) administration of life endangered by capitalist pillaging.

Capitalism as a form of life produces, as a principle, migrants, and refugees: the stateless, the rightless, exterminated spectacularly and routinely by omnipresent social media. This work group, thus, proposes the meeting of diverse research, in a multiplicity of origins, of knowledge, and of analytical gazes cognisant of the terrible fragility that migratory dynamics impose upon the frontiers of the current neoliberal world.

Keywords: migratory dynamics; neoliberalism; migrants; refugees; stateless.

3. Socioenvironmental crises and autochthon peoples

Mônica Dias Martins (UECE) and Juciene Ricarte Cardoso Tarairiú (UFCG)

To encourage reflection on the historical process that resulted in the contemporary dynamic of appropriation/expropriation of indigenous peoples' territories, *quilombola* communities, and other small farmers in the Global South, as well as on its impact on the exacerbation of socioenvironmental crises. A necessary counterpoint: to examine the agency of autochthon peoples and agrarian movements in defence of their communities and in facing the climate emergency. Furthermore, works that expand on how these processes are represented in the media, generating consensus on climate change and "natural" disasters, are welcome. It is crucial to remember that social struggles are a result of territorial and agrarian issues instigated in the colonial period and deepened between the 20th and 21st centuries, being at the centre of military conflicts amongst States and of socioenvironmental crises that transcend borders and national communities. Less evident is the perception of the bonds between nature and interethnic relations, between nature and the construction of nationalities. This work group aims for the multidisciplinary dialogue founded on the valuing of ancestral knowledge and in de-colonisation; a space for the exchange of historical, anthropological, social, ethnoeconomical reflections, directing confrontations and possible alternatives.

Keywords: territories; indigenous peoples; socioenvironmental crises; agrarian issues; social struggles.

4. Perspectives of gender and public policy

Helena Frota (UECE) and Fernanda Cupertino Alcântara (UFJF-GV e UNIRIO)

To reflect on the state of the art of the multidisciplinary field of gender and public policy, taking into account the autonomy of each axis and the relationship between them, their perspectives, and their exceptional experiences in contemporality. Gender is understood as an analytical category in order to understand the context of violent relationships of power in modern societies so as to broaden and deepen our understanding of the distinct forms of inequalities between the sexes, classes, generations, and ethno-racial situations.

Gender is action, power, relation, and representation; it defines "social places"; confers values; builds differences; constitutes and justifies hierarchies. In this sense, it is made up of four elements: the symbolic field; the set of norms; the notion of fixture and binary permanence reproduced in institutions; the plane of subjectivity. In contemporary societies, one can observe extreme inequalities in the access to material and symbolic

sources by groups considered to be vulnerable. Public policies are an attempt to assuage such social inequalities and can become a crucial instrument in the realisation of rights. It is then important to stimulate the dialogue between theory and empirical research, highlighting the role of female theoreticians in the social sciences and their engagement with the theme of gender and what has been called “social reform” by convention. We have located in the foundation of the field of public policy the discussion not only on matters of infrastructure, but on social issues that presented themselves in several forms. The participation of classical female theoreticians in this foundational moment, which has later come to be considered public policies, has also brought the perspective of what today we call gender, demonstrating with its studies the inequalities of access and treatment bestowed upon the “sexes”.

Keywords: gender; power; inequalities; public policies; classical female theoreticians.